

A relação professor-aluno e sua influência no processo de ensino-aprendizagem

Giderlâyne Clemente do Nascimento Santos ¹

Hortência da Conceição de Brito ²

Iágrici Maria de Lima Maranhão ³

RESUMO

O presente estudo analisou a relação professor-aluno em uma turma do quinto ano e sua influência no processo de ensino-aprendizagem bem como os seus desdobramentos como a interação, a atenção, a afetividade, a postura do professor para com os alunos, os alunos entre si e o professor mediante a sua prática. A pesquisa, de natureza qualitativa, foi realizada em uma escola da Rede Municipal de ensino de Recife/ PE, sendo esta escola um espaço privilegiado, pois se tornam presentes experiências e vivências de professores e alunos. Os dados coletados foram analisados abrangendo todo o seu conteúdo, levando em consideração também o papel que o educador exerce neste espaço em que compreendem que a dinâmica vai depender das relações estabelecidas pelo professor para com os alunos de maneira empática e nos vínculos afetivos por eles estabelecidos.

Palavras chave: Relação professor-aluno. Ensino-aprendizagem. Interação.

Introdução

Compreendemos que em uma situação onde o aluno não entende um conteúdo ele pode manifestar desinteresse, por diversos motivos, levando-o à problemática da preferência de disciplinas. Neste sentido, compreendemos que o

¹ Concluinte do curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco/ UFPE.

² Concluinte do curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco/ UFPE.

³ Doutoranda em Educação (PPGE-UFPE)/ Mestre em Educação (PPGE-UFPE)/ Especialista em Educação Especial – Inclusiva/ Pedagoga/ Professora da Faculdade Anchieta do Recife/ Professora da Universidade Federal de Pernambuco/ Professora da Rede Municipal do Jaboatão dos Guararapes/ Assessora da Editora FTD/ Assessora da UCAM-PROMINAS. E-mail: iagricilimaster@gmail.com

papel do educador é perceber essa incompreensão e a dificuldade do aluno na aprendizagem e a partir daí reavaliar as suas práticas pedagógicas, buscando favorecer esse processo.

Diante disso, esse trabalho traz o resultado do estudo que objetivou analisar a relação do professor com o aluno.

O interesse para investigar o objeto de estudo partiu das experiências vivenciadas pela pesquisadora durante as atividades realizadas nesta escola nas disciplinas pagas de *PPP* (Pesquisa e Práticas Pedagógicas) onde analisei que a afetividade e a aprendizagem eram características presente, bastante natural neste ambiente escolar, com isso analisamos a temática relação professor-aluno e o ensino-aprendizagem.

Com isso, entendemos que as crianças nessa faixa etária estão em fase de formação escolar e que elas apegam-se facilmente ao educador que de forma atenciosa atende as necessidades cognitivas e afetivas do aluno, coube-nos procurar saber como o professor compreende esta importância para que aja este desenvolvimento. Entendemos também que cada aluno tem um tempo diferente para adquirir os conteúdos dados pelos professores, com isto buscou-se compreender as práticas pedagógicas do professor em sala de aula diante desses acontecimentos.

Para a realização deste trabalho optamos pela pesquisa empírica que nos oferece maior certeza para as argumentações (DEMO, 1994, p.37). O campo de investigação foi uma das escolas da rede municipal de ensino da cidade do Recife/PE. Chegamos à quantidade de alunos entrevistados usando alguns critérios: entrevistar crianças na idade regular, ou seja, as que estão com a idade de acordo com a sua série e que não passaram por reprovação, e também as que são mais frequentes na sala de aula.

Desse modo, a abordagem de natureza qualitativa nos permitiu desvelar os dados nos momentos em que foram se definindo as categorias para a interpretação destes. Sobre a pesquisa qualitativa, segundo Dos Santo Filho (2002, p. 43) “*Se detém com a compreensão ou interpretação do fenômeno social, sendo seu propósito fundamental o entendimento, explanação e a especificação do fenômeno.*” Segundo ele, o pesquisador precisa compreender o significado que os outros dão às suas próprias situações, tarefa esta realizada segundo esta compreensão tanto da

pessoa, da linguagem da pessoa e dos seus gestos. Sobre o método de pesquisa qualitativa, Minayo (2003, p. 16) esclarece:

A pesquisa qualitativa trata-se de uma atividade da ciência, que visa à construção da realidade, mas que se preocupa com a ciências sociais em um nível de realidade que não pode ser quantificado, trabalhando com o universo de crenças, valores, significados e outros construtos profundos das relações que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A nossa pesquisa consistiu em parte de quatro observações, anotação e gravação de áudios das entrevistas com os participantes do meio e interpretações iniciais dos eventos. Em um primeiro momento realizamos quatro visitas para observar a relação dos alunos em sala de aula bem como para identificar o processo de ensino aprendizagem da turma com a regente bem como com os alunos, tendo como objetivo entender qual o significado de ensinar e as ideias que o professor enquanto agente principal e responsável pelo ensino.

As observações foram pontuadas em nosso diário de campo visando uma boa compreensão e um aprofundamento do que foi relatado nas entrevistas. Esses dados foram aqui utilizados na tentativa de construir um quadro detalhado das conclusões.

Como instrumento de coleta de dados optou-se pela entrevista semi-estruturada que de acordo com Minayo (2003) “*combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema, mas não precisa se prender à pergunta formulada*”. Para tal, foi elaborado um roteiro norteador de dez questões, sendo algumas delas complementadas para esclarecer respostas que deixavam a desejar quanto à interpretação.

Com os materiais coletados, damos início à análise dos dados estabelecendo as relações, efetivando na análise de conteúdo a qual o material discursivo foi submetido.

Segundo Moraes (1999) a análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum.

Essa pesquisa torna-se relevante no campo das áreas sociais auxiliando na parte prática e teórica e é mais do que uma técnica de análise de dados.

Ainda segundo Moraes (1999) “os valores e a linguagem natural do entrevistado e do pesquisador, bem como a linguagem cultural e os seus significados, exercem uma influência sobre os dados da qual o pesquisador não pode fugir.”.

A análise de conteúdo nos possibilitou uma interpretação pessoal com relações aos dados não sendo assim possível uma leitura neutra uma vez que toda leitura se constitui numa interpretação considerando tanto o emissor quanto o receptor. Nesta abordagem dirigimos a discussão sobre o tema no momento que achamos oportuno sobre o assunto que nos interessava fazendo assim algumas perguntas adicionais. Sendo assim buscamos compreender a natureza que o entrevistado dá à sua ação, a sua mediação e o quanto isso vale em sua prática cotidiana para o crescimento do aluno buscando o seu significado e neste sentido, com a finalidade de responder aos questionamentos presentes neste trabalho.

Esta abordagem é uma maneira de entender as informações necessárias para interpretar com menos erros, as informações desencadeadoras de certos eventos perturbadores ou não. Para André (1997)

No estudo etnográfico, principalmente da escola, deve-se colocar uma lente na dinâmica das relações interpessoais identificando as estruturas de poder e os modos de organização escolar e compreendendo o papel e situações de cada sujeito nesse contexto interacional onde ações, relações, conteúdos são construídos, negados, reconstruídos e modificados. (ANDRÉ, 1997, pág.41).

Essa foi, a melhor maneira, aos nossos olhos, de assistir a uma dinâmica de ação, de interações, de mediação, de aprendizagem e também a maneira que achamos de entender as informações necessárias para interpretar com menores margens de erros as informações destes momentos.

Para a garantia do sigilo da identidade dos entrevistados, todas foram renomeadas. Decidimos chamar a Educadora pelo seu título “*Professora*”, e os alunos por “*Aluno1, Aluno2, Aluno3, Aluno4 e Aluno5*”.

A temática deste trabalho percorre alguns caminhos teóricos buscando entender as possíveis questões que levam os alunos a motivar-se ou desmotivar-se, de forma que podemos elencar como as metodologias de ensino, assim como as relações afetivas e de interação entre professor e aluno influenciam na aprendizagem dos mesmos.

Sendo assim, para dialogar com o campo empírico consideramos as ideias de Weisz e Sanchez (2006) e Leite (2012) que relatam a importância de verificar as aprendizagens dos alunos com bases em seu desenvolvimento, precisou-se ainda buscar outros teóricos que responderam a algumas divergências que surgiram para melhor compreensão.

Para discutirmos a respeito do professor, o aluno e a educação buscamos autores que refletissem sobre estes pilares. Deste modo optamos pelos pensamentos de Libâneo (2003), Freire (1996) e Giusta (2013).

Ainda consultamos documentos oficiais para entendermos como se deu o processo de construção da educação no Brasil.

Diante dos dados analisados dissertamos o nosso diálogo com o referencial teórico. Feitas as considerações finais, mostramos os resultados obtidos através do estudo.

1. As diretrizes da educação e o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem.

O nosso trabalho tem como ponto de partida a relação professo-aluno no processo de ensino-aprendizagem e percebemos que ao longo dos anos para que o aluno de fato pudesse ser atendido desde a sua primeira fase da vida foram necessários longos esforços na busca desta efetivação como os que serão relatados.

Podemos ver que os pressupostos da educação apontam avanços significativos quanto a estes direitos tanto no que se refere à distribuição de financiamento quanto para a organização de suas competências sendo esses avanços grandes contribuições ao processo de ensino. Para tanto, compreendemos que essa organização dos sistemas educacionais em forma de normativas indicam os mecanismos e elementos que farão parte do processo educativo de forma que unidos aos aspectos subjetivos, tornam possível a construção do conhecimento.

Podemos observar, segundo Lemme (1984), no Manifesto dos Pioneiros da Educação (1932) a defesa da escola pública obrigatória e o surgimento de diretrizes importantes, principalmente no que se referia a mudanças nas práticas e saberes pedagógicos, tais como a valorização da experiência da criança e a defesa do

ensino rural, como meio de fixar o homem no campo sendo estes alguns pontos que defendiam as propostas do ensino em sua melhoria. Ainda segundo o Manifesto sobre a função educacional:

A consciência desses princípios fundamentais da laicidade, gratuidade e obrigatoriedade, consagrados na legislação universal já penetrou profundamente os espíritos, como condições essenciais à organização de um regime escolar, lançado, em harmonia com os direitos do indivíduo, sobre as bases da unificação do ensino, com todas as suas consequências. (LEMME, 1984).

Podemos encontrar também referente ao ensino e seus direitos no setor público, art. 211 da Constituição Federal de 1988:

1º A União organizará o sistema federal de ensino e o dos Territórios, financiará as instituições de ensino públicas federais e exercerá, em matéria educacional, função redistributiva e supletiva, de forma a garantir equalização de oportunidades educacionais e padrão mínimo de qualidade do ensino mediante assistência técnica e financeira aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 14, de 1996). 2º Os Municípios atuarão prioritariamente no ensino fundamental e na educação infantil.

A respeito do ensino de qualidade, o Art. 70 da Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9293/96) estabelece que o custo mínimo por aluno deva ser capaz de assegurar ensino de qualidade. Ocorre que, para a qualidade pretendida requer ampliação dos recursos a ser destinados à educação, sendo estes recursos gastos na manutenção e no desenvolvimento do ensino.

No dia a dia das atividades pedagógicas há situações que é necessário utilizar os princípios que formulam a LDB e a sala de aula é o espaço em que essa dinâmica acontece. Com relação aos direitos dados aos alunos da educação infantil, não podemos deixar de considerá-lo como um grande avanço pelo direito à educação em sua primeira fase de vida.

No processo de ensino-aprendizagem o professor em sala de aula pode contar com estes alicerces legais que demonstram a evolução na construção de uma educação de qualidade garantindo tanto ao educador quanto ao educando bases para as suas conquistas em sala de aula, ou seja, para um bom desenvolvimento.

Entretanto para que haja um bom desenvolvimento do ensino é necessário, além dos aparatos legais o planejamento, reavendo as práticas e avaliando as aprendizagens, significando que o professor não deve apenas se preocupar com as

informações que serão passadas, mas também com o processo individual com que cada um constrói o seu conhecimento, pois para o grupo de alunos o professor aparece como a figura experiente capaz de trocar as informações necessárias quando estão com alguma dificuldade e para que isso ocorra ele precisa estar consciente do seu trabalho como facilitador que dá importância às dúvidas dos alunos e que utiliza o diálogo para favorecer as aprendizagens dos mesmos.

Weisz e Sanchez (2006) relatam a importância de verificar as aprendizagens dos alunos com bases em seu desenvolvimento. Para elas

Quando, numa atividade para verificar uma aprendizagem determinada, a maioria dos alunos vai mal, é certo que o professor não está acertando e precisará rever o seu encaminhamento. Se a maioria da classe vai bem e alguns não, estes devem ser atendidos imediatamente através de outras atividades que possibilitem a superação de suas dificuldades. (Pág. 97).

Quando acontecem essas situações muitas vezes vem o desinteresse, porém antes que haja o desânimo de aprender, como citado anteriormente, é preciso criar formas de apoio à aprendizagem. Para a resolução destes problemas as autoras citam diversos fatores que contribuem dentre eles: atendê-los com atividades diferenciadas, trabalho conjunto entre os alunos, intervenções, e o acompanhamento por equipes de apoio pedagógico com a finalidade de contribuir com a aprendizagem dos alunos.

Analisamos então a importância do papel do professor em sala de aula para a garantia desses direitos sendo ele um dos agentes mais presentes para estas garantias.

É preciso que o professor tenha o compromisso de não denominar seus alunos a partir de seus desempenhos escolares, sejam eles bons ou ruins. O papel do professor na intervenção pedagógica é muito importante quando ele percebe seus alunos e busca compreender as causas do mau desempenho escolar, pois segundo Weisz e Sanchez (2006).

O professor precisa estar convencido de que pode ensinar e seus alunos são seres capazes de aprender e assim a partir disso criar estratégias e planejamentos para realizar essa intervenção da melhor maneira, alcançando o objetivo que é ajudá-los na construção do conhecimento. (Pág. 95).

Portanto com as finalidades estabelecidas para a educação ligadas às diretrizes, as normativas, aos programas de ensino, etc. e a relação entre o

professor e o aluno obtemos o centro da construção do conhecimento onde os processos referentes ao ensino podem adquirir novas estruturas associando o conteúdo aos fatos do cotidiano de cada aluno e isso significa uma adaptação dos planos e dos programas de ensino aonde o professor conduz o fazer pedagógico.

2. O professor enquanto agente mediador do conhecimento.

Ao falar de uma relação professor aluno não estamos apenas questionando sobre o comportamento do aluno e do professor dentro do ambiente escolar, mas também no professor e no seu trabalho como agente mediador da aprendizagem, com a sua prática pedagógica organizando e planejando sua aula, e no aluno participativo e interativo neste processo, onde também o professor tem o dever de buscar condições necessárias para esta dinâmica na aula, criando possibilidades, interagindo, fortalecendo os conhecimentos adquiridos, reavaliando conceitos não adquiridos, enfim, sendo o mediador neste processo através de sua prática em sala de aula, de sua técnica, seu conhecimento teórico e o estabelecimento de relações de convívio e de segurança necessário que mantém a disciplina durante os conteúdos trabalhados.

Uma das dificuldades mais comuns enfrentadas pelo professor é o que se costuma chamar de “controle da disciplina”. Dizendo assim, dá a impressão de que existe uma chave milagrosa que o professor manipula para manter a disciplina. Não é assim. A disciplina da classe está diretamente ligada ao estilo da prática docente, ou seja, a autoridade profissional, moral e técnica do professor. (LIBÂNEO, 2003).

É relevante compreender a necessidade de o professor estar sempre refletindo nessa relação quando estiver planejando e se organizando de forma pessoal e profissional. Através dessa autoanálise, os docentes poderão desenvolver um olhar diferenciado sobre sua atividade educativa e os alunos terão uma melhor motivação durante o desenvolvimento dos conteúdos.

Por outro lado a apresentação de métodos adequados que mantenham a concentração dos alunos, também deverá ser levada em conta procurando compreender se os métodos planejados e desenvolvidos dão oportunidades de concentração. Evitando a distração e conseqüentemente, a indisciplina onde possivelmente ocorrerá o entendimento e conseqüentemente a aprendizagem. Deve-se considerar que o aluno vê o professor como um espelho e a postura

adequada como, por exemplo, o diálogo são aspectos que influenciam positivamente esta relação.

A interação Professor-aluno é um aspecto fundamental da organização da situação didática, tendo em vista alcançar os objetivos do processo de ensino: a transmissão e a assimilação dos conhecimentos e, hábitos e habilidades. Entretanto, esse não é o único fator determinante da organização do ensino, razão pela qual ele precisa ser estudado em conjunto com outros fatores, principalmente a forma de aula. (LIBÂNEO, 2003).

Dentro dessa perspectiva, entendemos ser importante o professor conviver com os alunos na sala de aula observando o comportamento de cada um e tentando buscar alternativas através do diálogo que contribuam para o processo de ensino. Segundo Freire (1996) “O diálogo é uma exigência existencial”, não podendo então reduzir-se a um ato que tão somente deposita as ideias de um sujeito em outro sujeito.

A afetividade e o planejamento são fatores importantes no processo de ensino levando sempre em consideração a particularidade da aquisição cognitiva de cada aluno referente aos conteúdos programados buscando fazer uma relação com a sua realidade e também levando em conta o conhecimento que cada um traz consigo respeitando as suas hipóteses e indagações, superando os limites, buscando alcançar os objetivos e as finalidades dos conteúdos para que haja uma maior compreensão entre o professor, o aluno e a aprendizagem.

É absolutamente impossível democratizar a nossa escola sem superar os preconceitos contra as classes populares, contra as classes chamadas “pobres”, sem superar os preconceitos contra sua linguagem, sua cultura, os preconceitos contra o saber com que as crianças chegam à escola. (FREIRE, 1996).

Considerando o conhecimento próprio do aluno entendemos que há saberes necessários à prática educativa com fundamentos na ética pedagógica, com uma visão de mundo alicerçada, dentre muitas outras, no bom senso, na tolerância, na alegria, na competência, na generosidade, etc., mas que não foge do nosso tema mostrando e buscando a reflexão de que para ensinar é preciso fazer compreender o educando.

Nessa ótica o professor também age como reforçador da capacidade crítica do educando, através da prática docente; com isto ele trabalha reforçando esta autonomia e não apenas transferindo conhecimentos. Esta capacidade pedagógica é indispensável para a criação de oportunidades educativas.

A capacidade de decisão da educadora ou do educador é absolutamente necessária a seu trabalho formador. É testemunhando sua habilitação para decidir que a educadora ensina a difícil virtude da decisão. Ninguém decide a não ser por uma coisa contra outra, por um ponto contra outro, por uma pessoa contra outra. (FREIRE, 1996).

Neste sentido a autonomia e a capacidade crítica são necessárias para estas ações, o ato de ensinar apresenta algumas exigências que vão além do saber científico e que se revelam como atributos humanos. É impossível ensinar sem essa coragem de querer bem, sem a valentia dos que insistem mil vezes antes de uma desistência.

Esta disciplina rigorosa de agir em defesa de valores vai fazer com que o educador seja sempre remetido à responsabilidade e a busca de ser capaz de ajudar a construir seres humanos críticos e pensantes, levando-o a superar suas limitações com esta lógica por ajudar a melhorar aquilo que muita gente um dia não teve de melhor que é uma educação com responsabilidade por parte do educador, em suma, ensinando responsavelmente e levando a sério a prática docente.

Um professor que não leva a sério sua prática docente, que, por isso mesmo, não estuda e ensina mal o que sabe, que não luta para que disponha de condições materiais indispensáveis à sua prática docente, se proíbe de concorrer para a formação da imprescindível disciplina intelectual dos estudantes. Anula-se, pois, como professor. (FREIRE, 1996).

Este professor que não participa tanto das decisões políticas de sua pedagogia como de sua própria prática se questionando dessa construção coletiva de saberes, vai se anulando e se tornando menos interativo, e, portanto, menos autônomo sendo incapaz de contribuir para a autonomia dos seus alunos.

Portanto, o educador precisa compreender o seu papel nessa relação, não apenas uma relação de cuidado, mas de compromisso com o desenvolvimento do aluno, cognitivo, motor, mas acima de tudo humano. E é a partir desse entendimento que ele poderá realizar um trabalho que contribua para uma geração crítica, reflexiva e justa não podendo haver este trabalho árduo sem o vínculo entre professor e aluno.

3. O professor e o aluno: dois elementos pilares da educação

Quando falamos a respeito de educação logo nos vem à mente a sala de aula, o professor, o aluno e a aprendizagem e o seu conceito em sala referente aos

vínculos existentes entre o professor e o aluno. Atualmente ao professor, não cabe mais o título de “detentor de todo conhecimento”, assim como ao aluno, não cabe mais o termo “tabula rasa”. Sobre o professor detentor e o aluno receptor: conceitos de aprendizagens chamadas de ambientalismo ou empirismo. Sobre este termo Giusta (2013) relata que

O conceito de aprendizagem emergiu das investigações empiristas em Psicologia, ou seja, de investigações levadas a termo com base no pressuposto de que todo o conhecimento provém da experiência. Isso significa afirmar o primado absoluto do objeto e considerar o sujeito como uma tabula rasa, uma cera mole, cujas impressões do mundo, fornecidas pelos órgãos dos sentidos, são associadas umas às outras, dando lugar ao conhecimento. O conhecimento é, portanto, uma cadeia atomisticamente formada a partir do registro dos fatos e se reduz a uma simples cópia do real. (Pág. 22).

Podemos notar nesta perspectiva que o processo ensino-aprendizagem está centrado na figura do professor onde ele fala e o aluno copia, decide e o aluno executa, sendo os alunos apenas receptores das informações que serão armazenadas em suas memórias. Esta abordagem separa o sujeito e o objeto, sendo uma educação livresca onde o aluno é um recipiente vazio a ser preenchido, o que atualmente não podemos considerar como ideal uma vez que o nosso objetivo é a interação do aluno com o professor na construção do conhecimento, onde ambos se relacionam e interagem para este fim.

Entretanto surgem outros estudos superando a teoria anterior, que traz uma perspectiva em torno do trabalho de ensino-aprendizagem colaborativo. São as contribuições de Piaget ao pesquisar a formação e o desenvolvimento do conhecimento, demonstrando que há uma relação entre o sujeito e o objeto. Sobre este conceito Giusta (2013) afirma que

Para Piaget a construção do conhecimento são resultados da relação sujeito-objeto, relação essa em que os dois termos não se opõem, mas se solidarizam, formando um todo único. As ações do sujeito sobre o objeto e deste sobre aquele são recíprocas. O ponto de partida não é o sujeito, nem o objeto, e, sim, a periferia de ambos; assim, o desenvolvimento da inteligência vai-se operando da periferia para o centro, na direção de mecanismos centrais da ação do sujeito dando lugar ao conhecimento (lógico-matemático) e das propriedades intrínsecas do objeto (dando lugar ao conhecimento de mundo) se relacionando mutualmente. (Pág. 29).

Nesta perspectiva, diferente da anterior, temos a ideia de que o conhecimento nasce com o indivíduo ou então é dada pelo meio social, afirmando que o sujeito constrói o conhecimento na interação com o outro. Podemos entender

então aqui que a aprendizagem é uma construção, onde o aluno age, formula, reflete, e que a aprendizagem se dá de forma coletiva. Vem-nos então o questionamento a respeito de quem seria o melhor professor e qual a melhor prática com relação a esta perspectiva, sobre isto Morales (2006) relata:

O professor ideal não existe, mas há muitas maneiras de ser um bom professor, de manter um bom relacionamento com os alunos e de influenciá-los de maneira muito positiva. Além disso, há também muitos tipos de alunos e de situações. Todos nós podemos nos lembrar de bons professores muito diferentes entre si que motivam, criam boa atmosfera na classe, são organizados, etc. (Pág. 30).

Podemos notar então que o bom relacionamento entre professor e aluno é um dos traços marcantes na aprendizagem e que não existe o professor ideal, mas aquele que influencia de maneira positiva e este se torna a lembrança de muitos alunos no processo de construção do conhecimento onde puderam ser atendidos e ensinados por professores que levaram a sério a prática docente. A relação professor-aluno como vimos é paralela e sem o compromisso de determinar a autoridade imposta do professor para o aluno, estabelecendo o educador como o dono do saber. Aqui ele assume a função de mediador da aprendizagem.

4. A afetividade e a criação de vínculos: elementos relevantes da educação.

O desenvolvimento humano, a aprendizagem e as relações entre desenvolvimento e aprendizado são temas centrais nos trabalhos de Vygotsky. As suas concepções estabelecem fortes ligações entre o processo de desenvolvimento e a relação do indivíduo com seu ambiente sociocultural, quando um aluno recorre ao professor para ajudá-lo a resolver uma situação, ele não está indo contra as regras da aprendizagem, mas sim se utilizando de recursos que promovem seu próprio desenvolvimento. Ainda em relação à aprendizagem e a afetividade Leite (2012) nos relata que:

As teorias de Vygotsky assume uma posição onde o indivíduo nasce como ser biológico, mas que, através da inserção na cultura, ou seja, o ser humano nasce com as chamadas funções superiores. Essas funções superiores contam com o suporte biológico, pois são produtos da atividade cerebral. O funcionamento psicológico fundamenta-se nas relações sociais e a relação homem-mundo é sempre mediada por sistemas simbólicos, o que coloca a mediação como central na teoria. (Pág. 357).

Resumindo as ideias da teoria vygotskyana o indivíduo nasce como ser biológico, que através da inserção na cultura, constitui-se sócio histórico, ou seja, nascem com as funções superiores que caracterizam o ser humano das quais segundo Leite (2012):

As funções psicológicas superiores têm suporte biológico, pois são produtos das atividades cerebrais; o cérebro é entendido como um sistema que permite as possibilidades de realização humana e a adaptação do homem. O funcionamento psicológico fundamenta-se nas relações sociais entre o indivíduo e o externo. Assim as funções superiores constituem-se pela cultura. A relação homem-mundo é sempre mediada por sistemas simbólicos, o que coloca o conceito mediação como central na teoria, a fala é considerada fundamental para a construção das funções superiores. (Pág. 355).

No que diz respeito à afetividade percebemos então que o afeto e a aprendizagem andam juntos, sendo muito importante neste percurso o papel do professor como agente mediador entre o sujeito e os objetos culturais. Ainda com relação às ideias de Vygotsky nos relatos de Leite (2012) entendemos que:

O desenvolvimento humano pode ser entendido como um processo de apropriação dos elementos e processos culturais, ocorrendo no sentido externo (relações interpessoais) para o interno (relações intrapessoais), mediado pela ação do outro (pessoa física ou agentes culturais). A aprendizagem desempenha, portanto, um papel crucial na medida em que possibilita o processo de desenvolvimento. (Pág. 357).

Essas relações não envolvem somente o lado cognitivo, mas também provocam repercussões afetivas que vai depender da mediação pedagógica planejada e trabalhada em sala de aula pelos professores que se tornam um marco afetivo para os alunos.

Diante disso, podemos dizer que as interações dentro do local de aprendizado são marcadas pela afetividade em todos os seus aspectos, sendo a afetividade um elemento importante nessas relações. Podemos também afirmar que a afetividade está presente nos momentos que acontecem as atividades pedagógicas do professor e não apenas nos momentos de descontração.

Para Mahoney e Almeida (2005) *“a afetividade refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo/ interno por sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis; ser afeto é reagir com atividades interna/ externa que a situação desperta”* (Pág. 13).

A afetividade, portanto envolve maiores manifestações das emoções como também os sentimentos, sendo ela, portanto, um conceito mais amplo que

representa também um componente cognitivo, que juntamente com a cognição se desenvolvem juntas. A afetividade está associada a manifestações de emoções como relatam Mahoney e Almeida (2005) “*Wallon desenvolveu uma teoria sobre o processo de desenvolvimento humano centrado no processo de relação entre quatro grandes núcleos funcionais: a afetividade, a cognição, o movimento e a pessoa.*” (Pág. 13).

Analisando o Estágio Categorical⁴, ele se dá dos seis aos onze anos de idade e acontece durante o período escolar onde possibilitam as aprendizagens por meio das descobertas de novas ideias e conceitos, onde o que está em predominância é a razão criando assim seus conceitos e princípios apresentando o desenvolvimento como um processo de construção. A cognição e a afetividade são os instrumentos que aliados ao conhecimento do professor no processo de ensino-aprendizagem proporciona condições para o desenvolvimento na passagem para outros estágios como relatam Mahoney e Almeida (2005).

Na medida em que a teoria de desenvolvimento descreve características de cada estágio, está também oferecendo para uma reflexão, para tornar o processo ensino-aprendizagem mais produtivo, proporcionando ao professor pontos de referência para orientá-lo e testar atividades adequadas aos alunos. A identificação das características de cada estágio pelo professor permitirá planejar atividades que promovam um entrosamento mais produtivo entre essas características, conforme se apresentem em seus alunos. (Pág. 15).

Portanto é necessário que o professor leve em consideração as atividades adequadas de acordo com a realidade do processo de construção do conhecimento de cada aluno, sendo importante conhecer o que o aluno já sabe e traz consigo para a sala de aula para então rever as suas formas de avaliação não rompendo com as descobertas alcançadas pelos alunos em sala de aula, pois isto implica no seu desenvolvimento considerando como parte do processo da aprendizagem, é preciso também estar sempre organizando os conteúdos uma vez que, a ausência dessa organização faz com que o aluno possa fracassar colaborando com a falta de interesse e das relações afetivas entre o aluno e o objeto.

⁴ No 4º estágio — o categorial (6 a 11 anos) — a diferenciação mais nítida entre o eu e o outro dá condições mais estáveis para a exploração mental do mundo externo, físico, mediante atividades cognitivas de agrupamento, classificação, categorização em vários níveis de abstração até chegar ao pensamento categorial. A organização do mundo em categorias bem definidas possibilita também uma compreensão mais nítida de si mesma. (MAHONEY E ALMEIDA, 2005).

Diante do que citamos, podemos entender que as interações que acontecem dentro do espaço escolar facilitam o processo de aprendizagem do aluno e aumentam a possibilidade dessas relações se darem de forma positiva, sendo fatores importantes nesses questionamentos às condições de ensino propostas pelos professores e o efeito afetivo dessas experiências em sala de aula na relação de construção do conhecimento. Ainda sobre o professor ele deve ser um facilitador no acesso à informação como um bom amigo que auxilia o sujeito a conhecer o mundo e seus problemas, seus fatos, suas injustiças, de forma que o aluno possa ser crítico em suas expressões, respeitando e valorizando o professor.

5. Análise da pesquisa

Como constam, os sujeitos entrevistados são cinco alunos e uma educadora, ela tem uma graduação e é pós-graduada. Quanto ao tempo de docência está na rede há quase oito anos, porém atua como educadora em média há 13 anos.

Dos cinco sujeitos da pesquisa, todos se referiam à educadora em relação à interação como *“atenciosa; ela me ajuda; ela chega perto de mim; ela sempre responde, quando chamo ela vem...”*.

Quanto à educadora buscando entender como a relação professor-aluno pode influenciar no processo de ensino-aprendizagem através das práticas educativas, interação, mediação e dos laços afetivos presentes entre educador e educando, identificou-se nas falas e observações que se o professor é participativo e comunicativo e se ele tem uma prática educativa que permite ao aluno fazer parte da construção do conhecimento através das atividades que lhes possibilitem a dinamicidade e a autonomia nas atividades, tornará o processo de ensino-aprendizagem dinâmico, prazeroso e eficaz.

Dentre as perguntas que contemplavam nossa entrevista semi-estruturada, começamos com a que nos deu um embate teórico no âmbito da interação: *Durante as aulas a senhora acha importante essa aproximação quando os alunos estão em dúvida com algum assunto?*

...Pra mim, pelo menos aqui na classe quando as aulas são de matemática principalmente, é quando eles vão precisar mais de mim. Então o que é que eu faço? Eu junto grupos, passo os exercícios e vou passando e vendo qual

é a dificuldade deles. Pra mim é bem melhor quando eles estão trabalhando em grupos... (Professora).

Podemos analisar que aqui essa relação se dá mediada pela linguagem e que pode ser entre os alunos. É fundamental que ocorra essa interação tanto professor-aluno quanto aluno-aluno, vemos isso na fala da professora que nos relata a importância dessa relação entre os alunos quando estão trabalhando em grupo. O professor mediando à interação entre alunos e também a interação deles com os materiais disponíveis em sala de aula é de suma importância nessa construção, pois é a partir do envolvimento com os objetos e agentes de conhecimento que eles vão construir suas ideias, reflexões acerca do que é estudado e vivido na escola e fora dela e assim se expressar. Portanto, podemos analisar que o diálogo em sala de aula não é só distração, ele juntamente com o planejamento pode contribuir para a construção do conhecimento. Essa fase de colaboração traz a vantagem de estimular o trabalho coletivo, necessário para transformar uma ação interpessoal e, portanto social.

A importância dessa passagem é alcançar a independência intelectual e afetiva. A relação professor-aluno na abordagem construtivista é paralela e sem o compromisso de determinar a autoridade imposta do professor para o aluno estabelecendo o educador como o dono do saber. Aqui ele assume a função de facilitador da aprendizagem, onde implicam habilidades de um saber e de o outro ajudar. Sobre a importância da mediação quando os alunos estão em dúvida fizemos o seguinte questionamento: *Você entende ser necessário estabelecer vínculos afetivos para a que a aprendizagem ocorra?* A professora respondeu:

Quando eu coloco eles trabalhando em conjunto eles dali já estão se desenvolvendo porque eles já se soltam mais, já conversam, criam situações e muitas vezes acontecem imprevistos, porque eles acabam entrando em confronto com as ideias e eu passo no grupo e tento mediar as ideias dando a eles as diversas possibilidades. (PROFESSORA).

Entendemos aqui a importância do diálogo para que ocorra a mediação uma vez que quando há uma boa relação o diálogo flui sem constrangimentos e os alunos se aceitam no meio social da sala com os colegas e principalmente com a professora, podendo dizer dos trabalhos coletivos que quando um se percebe bem

intelectualmente inclusive a professora tem vontade de ajudar os outros e busca ajuda também quando precisa. Aqui a afetividade é evidente nos trabalhos cognitivos. Freire (1996) nos mostra a importância da prática dialógica, onde para ele é uma exigência do ser humano.

De acordo com as abordagens de Paulo Freire só é possível uma prática educativa dialógica por parte dos educadores se estes acreditarem no diálogo como fenômeno capaz de mobilizar e refletir o agir, segundo ele “O diálogo é uma exigência existencial”, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro. (FREIRE, 1996, p. 91).

É importante, porém deixar que os alunos expressem as suas ideias, as suas conclusões transformando as situações de imprevistos, conforme a própria professora aponta, percebendo as possibilidades trazidas pelos conflitos no processo de aprendizagem. O diálogo, a troca de conhecimento, perguntas frequentes e a mediação do professor. Essas interações discursivas também foram observadas durante a nossa pesquisa.

Foi possível observarmos, nos comportamentos da professora, que a afetividade se dava através de comportamentos na postura e também os comportamentos verbais. Diante dessas posturas o que mais observamos foi a aproximação a forma como ela os acolhia fisicamente em suas necessidades, sendo elas muito valorizadas em suas falas.

Foram realizadas quatro observações e podemos verificar que enquanto havia as explicações em uma delas com o conteúdo de ciências havia um silêncio, porém podemos analisar que neste silêncio estava ocorrendo uma dinâmica de informações capturadas pelos alunos no momento da aplicação dos conteúdos, podendo ser também pela nossa presença, uma vez que ali eles estavam diante de conteúdos surgindo logo às perguntas, que na aprendizagem elas são essenciais e possibilita ao grupo um grande conhecimento, enquanto havia os que não perguntavam de início sempre tinha um que abria as portas para as perguntas fluírem na sala.

Referente à importância das perguntas é bom questionar a respeito da forma que elas são dadas em sala de aula, é muito importante não dar perguntas prontas e praticamente dadas aos alunos, é importante formular perguntas que façam os alunos questionarem, pensarem e refletirem a respeito do tema proposto, pois geralmente existe a possibilidade de apenas serem feitas perguntas de caráter

avaliativo, mas com perguntas que ajudem o aluno a criar as suas possibilidades, não julgando as respostas dadas aos alunos para que da parte deles não haja uma repulsa e assim um constrangimento no aluno correndo o risco dele não fazer mais perguntas, quanto a isso foram observadas perguntas prontas indicando certo despreparo para alcançar melhor os alunos diante do conteúdo trabalhado naquele momento para que não haja o desânimo por parte dos alunos.

Quando acontecem essas situações muitas vezes vem o desinteresse, e antes que haja o desânimo de aprender é preciso criar formas de apoio à aprendizagem. Para a resolução destes problemas as autoras citam diversos fatores que contribuem dentre eles: atendê-los com atividades diferenciadas, trabalho conjunto entre os alunos, intervenções, e o acompanhamento por equipes de apoio pedagógico com a finalidade de contribuir com a aprendizagem dos alunos. *“Devemos considerar que o tempo de aprendizagem e as formas de aprender são diferentes para cada aluno bem como os caminhos para a construção do conhecimento”* Weisz e Sanchez (2006, p. 97).

É importante haver o compromisso por parte do educador dando atenção a essas questões tomando cuidado para não taxar os que precisam de mais atenção de “atrasados” ou coisas deste tipo, condições negativas para a aprendizagem dos alunos. Ainda segundo as autoras Weisz e Sanchez (2006), existem diferentes circunstâncias ou razões do mau desempenho escolar, que devem ser levadas em conta na hora da intervenção pedagógica “não compreensão de conteúdos, procedimentos inadequados na manipulação da técnica operatória, sentimento de baixa autoestima com determinadas falas: *“não consigo aprender este negócio”*”.

Se não acreditamos que os alunos podem aprender se não tivermos convencidos de que podemos de fato ensiná-los, não teremos o empenho necessário para identificar o que sabem ou não e, a partir daí, planejar as intervenções que podem ajudá-los a avançar em sua aprendizagem. (WEISZ E SANCHEZ, 2006, Pág. 117).

Portanto o ensino precisa ser baseado nas reais necessidades dos alunos juntamente com a intervenção pedagógica dentre outros fatores necessários para que aja a aquisição da aprendizagem por parte dos alunos.

Dos cinco alunos entrevistados e diante das nossas perguntas a respeito dos conteúdos trabalhados e quais seriam as suas maiores dificuldades referente a eles, todos mostraram que a ajuda que a professora dava em sala de aula facilitava a compreensão, quando questionados como eles resolvem os problemas que

possuem com tais conteúdos através da pergunta, “*Durante as aulas ela tira suas dúvidas? Como?*”, obtivemos as seguintes respostas:

...Quando ela tá dando aula ela pergunta se a gente esta entendendo, eu mesma sempre pergunto as coisas. (ALUNO1) Quando eu tô com dúvida e não sei de alguma coisa eu vou pra professora e pergunto, mas também ela vem quando eu peço. (ALUNO2). Quando ela fica junto quando a gente tá respondendo eu fico perguntando se é assim mesmo. (ALUNO3). Eu gosto porque ela me ajuda (ALUNO4). Às vezes eu fico nervosa quando eu não sei, mas ela fica perto me ajudando quando eu chamo ela, aí eu consigo fazer. (ALUNO5).

Podemos a importância que a professora dá às dúvidas dos alunos, pois este é um dos meios nos quais os alunos em sua maioria utilizam para a maior compreensão sendo o diálogo um dos únicos, ou o único, instrumento além dos livros didáticos que os mesmos têm para obtenção das respostas uma vez que eles não dispõem de outros instrumentos dentro da sala de aula, e se mostrar acessíveis demonstra a postura profissional do professor, sendo essencial que ele se mostre disponível.

Mahoney e Almeida (2005) nos dar respaldo para entendermos que sem a mediação do professor não há um bom relacionamento entre o ensino e a aprendizagem.

Leite (2012) nos diz que “*Todas as decisões pedagógicas que o professor assume, no planejamento e desenvolvimento de seu trabalho, tem implicações diretas no aluno, tanto no nível cognitivo quanto afetivo*”.

Diante disso, podemos dizer que as interações dentro do local de aprendizado são marcadas pela afetividade em todos os seus aspectos, sendo a afetividade um fator importante nessas relações. Podemos também afirmar que a afetividade está presente nos momentos que acontecem as atividades pedagógicas do professor e não apenas nos momentos de descontração.

Analisamos também que a postura que o professor assume mediante as situações frequentes em sala de aula e no ambiente escolar também interfere na forma como ele será compreendido e visto por seus alunos. Quando perguntados a respeito do diálogo informal fora da sala de aula aos alunos entrevistados: *Ele conversa com você fora da sala de aula? O que? Você já contou alguma coisa da sua vida pessoal ao seu professor? Houve algum episódio que o Professor precisou*

saber detalhes da sua vida? Ou você contou acontecimentos que ninguém poderia saber pra ele? Por qual razão você contou ou ele quis saber? Eles relataram:

...Teve uma vez na hora do recreio que eu não queria brincar e fiquei sentada com minha colega e ela perguntou o que a gente tinha que não tava brincando aí eu disse a ela foi que meu tio tinha brigado com meu avô e agente teve que ir dormir na casa da minha tia e ela ficou lá comigo perguntando a mim como foi. (ALUNO1). Quando ela me pergunta as coisas eu digo a ela, quando acontece alguma coisa comigo na escola, ela manda chamar minha mãe e conversa. (ALUNO3).

Podemos perceber nas entrevistas que os alunos se sentem acolhidos e seguros por ter uma professora que busca conversar e orientá-los.

Sabendo que as relações entre professor e aluno vão além da transmissão de conteúdos, mas que também são de origem afetiva e de como o professor irá mediar as situações vivenciadas pelos alunos. Ao falar de uma relação professor aluno não estamos apenas questionando sobre o comportamento do aluno dentro do ambiente escolar, mas também no professor e seu trabalho tanto da parte comportamental quanto na parte de organizar e planejar sua aula.

Assim podemos afirmar que relacionar-se com o aluno informalmente dentro da sala de aula abre um grande espaço para a confiança do aluno para com o professor, podemos ver isso nas rodas de conversas observadas durante as atividades em sala onde muitos alunos questionam sem se sentirem constrangidos e até os que são menos interativos acabam participando. Essa interação não se dá apenas diante dos conteúdos trabalhados, mas também diante de situações que ocorrem com o aluno individualmente que como podemos observar nos sujeitos de nossa pesquisa é um fator importante para que eles se sintam acolhidos com a sua professora e que apesar de terem suas dificuldades enxergam nela alguém que podem confiar e se expressar. Podemos ver que a maneira como a professora age dentro e fora de sala de aula reflete na facilidade que seus alunos possuem de se aproximarem e de dialogar e estes meios são necessários no processo de aprendizagem.

A respeito do ponto de vista dos alunos com relação à postura da professora fizemos o seguinte questionamento: *O que você mais e menos gosta no seu professor quando ele esta dando aula?* Eles responderam:

...Eu gosto quando ela ajuda a gente, ela não grita, até quando ela reclama com a gente. (ALUNO1). Eu gosto dela porque ela ajuda a gente. Assim quando eu não consigo responder em casa ela não reclama, ela manda eu fazer na sala aí ela me diz como é. (ALUNO2).

Nas observações realizadas pudemos sentir que na sala, como qualquer outra, com suas dificuldades frequentemente enfrentadas por professores, os alunos respeitam sua professora e gostam de estudar com ela, mesmo com as dificuldades e as dúvidas enfrentadas eles buscam nela e se sentem a vontade para questionar e se expressar.

O relacionamento entre professor e aluno é um dos traços marcantes no processo de desenvolvimento e que durante muito tempo fica marcado tanto positivamente quanto negativamente na vida escolar de muitas pessoas, podemos ver pelas nossas lembranças escolares nesta trajetória educativa nós mesmos podemos nos lembrar dessa relação quando retomamos o nosso processo de aprendizagem.

A relação professor-aluno na abordagem construtivista é paralela e sem o compromisso de determinar a autoridade imposta do professor para o aluno estabelecendo o educador como o dono do saber. Aqui ele assume a função de mediador da aprendizagem.

O vínculo estabelecido entre o professor e o aluno é um fator de suma importância durante o processo de ensino. É impossível desvincular a realidade de mundo vivenciado pelos educandos, não fica muito distante dos educadores, pois ambos convivem dentro de uma única sociedade, mesmo existindo várias diferenças sociais entre todos eles.

6. Considerações finais

Nossa pesquisa foi fundamental para nos levar a reflexão de como a professora e a sua atitude interferem diretamente na sua relação com seus alunos e também na relação ensino-aprendizagem. Percebemos que ser professor não é apenas ser aquele que media, mas que também deve estar atento ao que acontece ao seu redor, quem são e como agem seus alunos e como profissional, ser aquele que contribui para a formação do outro conhecendo cada um individualmente e tratando-os como seres únicos com atenção única e especial. No tocante à contribuição acadêmica estamos contentes por poder contribuir através dos

referenciais citados em nossa pesquisa, bem como dos conhecimentos por nós adquiridos durante esta construção e das cadeiras pagas necessárias para o enriquecimento deste artigo, pois quando supomos apenas estamos criando ideias que servirá para a busca e para a autenticidade dos dados citados e a aprendizagem ao longo deste curso nos deu os alicerces necessários para esta produção. Afetividade, ensino-aprendizagem, planejamento e a relação professor alunos são elementos que enriquecem a aprendizagem do outro.

A partir das análises dos dados pôde-se chegar à conclusão de que acontecem mudanças nas formas de expressão com o corpo, na fala, nos olhares, no tom da voz, que vão ganhando espaço no ambiente tornando-o um espaço de vivências coletivas e a afetividade expressa por estes meios produzem mudanças significativas no âmbito do desenvolvimento cognitivo do educando.

Os relatos dos atores envolvidos nos confirmam que existem trocas de saberes envolvendo a relação do professor e do aluno sendo este fato comum nas falas dos alunos questionados quanto da professora da turma, nelas encontramos as importâncias da colaboração, do respeito, do estímulo da valorização de um com o outro, assim quanto mais profundas forem estas relações entre ambos haverá mais interesse de melhor se relacionarem e que se tornam maiores frente às ações negativas das emoções como nos momentos de raiva, de baixa autoestima, de nervosismo, de medo, emoções essas também presentes nas relações de interação social, apesar de que durante as nossas observações encontramos apenas o nervosismo e o medo por parte dos alunos, mas a tranquilidade na atuação da professora auxiliou os alunos nesse processo.

Na professora observamos até mesmo em suas falas uma postura atuante e que enxerga os seus alunos como participantes na construção do conhecimento, dando valor as falas frequentes de cada um deles, mediando e dando meios para que os mesmos chegassem às conclusões fazendo o seu papel de facilitadora nessa construção, mostrava-se preocupada também buscando meios para facilitar a compreensão dos alunos. Em muitos momentos pudemos a ver mediando os grupos de alunos nas atividades cuidando para que eles não desistissem da busca na construção da autoconfiança deles mesmos levando a sério a sua posição.

Vemos também a importância dada ao reforço dos valores na construção da autoestima dos alunos, onde pudemos ver a simpatia o acolhimento junto aos

alunos, o respeito e a apreciação pelos feitos deles. Portanto podemos chegar à conclusão de que toda a experiência da relação professor–aluno em sala de aula com sua experiência vivenciada favoreceram de forma positiva na construção do conhecimento por parte dos alunos tornando-os sujeitos autônomos com capacidade de se relacionarem em busca na construção da cidadania, da autonomia, da autoconfiança.

Como profissionais de educação, devermos entender que a construção de conhecimento ocorre não apenas em sala de aula, através da transmissão de conteúdos, mas também e principalmente nas relações, sejam elas entre professor-aluno, aluno-aluno e do aluno com o mundo em que vive, devemos enxergá-los como seres reflexivos e produtores de conhecimento. Precisamos assumir práticas pedagógicas que valorizem esses conhecimentos que de fato enriquecem a sala de aula, devemos trazer a realidade para dentro da escola e trabalhá-los juntamente com os conteúdos necessários. E para que essa realidade seja valorizada devemos nos perceber além de professores e alunos, mas de agentes construtores de conhecimento importantes nas relações humanas e no processo de ensino-aprendizagem.

Referências

____BRASIL. LDB. **Decreto, Lei 9.394/96. Art. 70, Brasília, Senado Federal.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2006/9394.html> Acesso em 02 de Jun. de 2014.

____BRASIL. Constituição (1988). **Art. 211, Brasília, Senado Federal.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao.html> Acesso em 02 de Jun. de 2014.

DE ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. **Tendências atuais da pesquisa na escola. Cad. Cedes**, v. 18, n. 43, 1997.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas.** Tempo Brasileiro, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

- GIUSTA, Agneta da Silva. **Concepções de aprendizagem e práticas pedagógicas. Educ. rev.** Belo Horizonte. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.html>>. Acesso em 01 Mar de 2015.
- LEMME, Paschoal. **O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova e suas repercussões na realidade educacional brasileira.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 65, n. 150, p. 255-272, 1984.
- LEITE, Sérgio Antônio da Silva. **Afetividade nas práticas pedagógicas.** Ribeirão Preto, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org>. Acessos em: 30 de Nov de 2014.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização.** São Paulo. Cortez, 2003.
- MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon.** Psicologia da educação, n. 20, p. 11-30, 2005.
- MINAYO, M.C. de S. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 22 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- MORAES, Roque. **Análise de conteúdo.** Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.
- MORALES, Pedro. **Relação professor-aluno: o que é, como se faz.** Edições Loyola, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://books.google.com.br/>> acesso em 30/novembro 2014.
- SANTOS FILHO, José Camilo dos; GAMBOA, Sílvio Sánchez. **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade,** 2002.
- WEISZ, Telma; SANCHEZ, Ana. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem.** São Paulo: Ática, v. 2, 2006.